

Sem perspectiva, metade dos jovens quer deixar país

No auge do bônus demográfico, parcela que não estuda nem trabalha é recorde

Os cerca de 50 milhões de brasileiros entre 15 e 29 anos revelam uma juventude decepcionada, sem perspectiva de trabalho e insatisfeita com a condução do país.

Se pudesse, quase a metade deles (47%) deixaria o Brasil, que jamais teve ou terá tantos jovens como agora.

Uma série de pesquisas aponta que nunca foi tão alta a proporção dos que nem trabalham nem estudam (27,1%) e que 70% têm dificuldade de arrumar ocupação.

Os dados constam do recém-lançado Atlas das Juventudes e de novos estudos da FGV Social.

Isso ocorre no auge do bônus demográfico, quando o Brasil teria a chance de acelerar o crescimento com uma proporção inédita de pessoas em idade profissional.

Se não for alterado, o cenário de trabalho para esse grupo configura um desperdício de potencial histórico.

Para o economista José Marcio Camargo, da PUC-Rio, o Brasil deveria adotar programas de especialização, já que a pandemia deu vantagem aos mais escolarizados, elevando a desigualdade. "Vamos conviver com isso durante muito tempo." **Mercado A12 e A13**

Sem perspectivas, metade dos jovens quer deixar Brasil

Mercado deprimido e recorde de 'nem-nem' frustram 50 milhões entre 15 e 29 anos

Fernando Canzian

SÃO PAULO O Brasil nunca teve ou terá tantos jovens como agora. Mas o ápice dos cerca de 50 milhões de brasileiros entre 15 e 29 anos revela uma juventude decepcionada em níveis recordes, sem perspectiva de trabalho e insatisfeita com a condução do país.

Se pudesse, quase a metade (47%) dos jovens brasileiros deixaria o país. Isso no auge do chamado bônus demográfico, quando o Brasil teria a chance de acelerar o crescimento contando com uma proporção inédita de pessoas em idade de trabalhar em relação a seus dependentes, como crianças e idosos.

Na prática, se não for alterado, o cenário do mercado de trabalho para essa juventude configurará o desperdício do maior potencial histórico em termos de crescimento e produtividade brasileiros.

Uma série de novas pesquisas quantitativas e qualitativas envolvendo milhares de brasileiros entre 15 e 29 anos revela que nunca foi tão alta a proporção dos que nem trabalham nem estudam (há 27,1% dos chamados "nem-nem") e que 70% dos jovens têm dificuldade de encontrar trabalho.

Na comparação com a maioria dos países da América Latina, é no Brasil onde os jovens veem menos chances de progredir trabalhando (ver quadro ao lado).

Nesse sentido, mais da metade (51,9%) agora enxerga o Brasil como um país pobre.

O salto nessa percepção chega a quase 40 pontos desde 2014, quando o Brasil mergulhou numa recessão que se estendeu até 2016 —seguida de um período de baixo crescimento de 2017 a 2019 e da pandemia, a partir de 2020.

De 2014 a 2019, os jovens já amargavam um retrocesso trabalhista inédito. Enquanto outros grupos tradicionalmente excluídos (analfabetos, negros e moradores do Nordeste e do Norte) tiveram perdas de renda duas vezes maiores do que a média geral, ela foi cinco vezes mais forte para jovens entre 20 e 24 anos; e sete vezes maior para adolescentes que trabalham.

Com a chegada da Covid-19, a desocupação de jovens na faixa de 15 a 29 anos saltou de 49,4% para 56,3%.

Os dados constam do recém-lançado Atlas das Juventudes e de novos estudos da FGV Social. Eles incluem o histórico de pesquisas quantitativas do IBGE (como PnadC e Pnad Covid-19), no Brasil, e números da World Gallup Poll e da ONU, contemplando vários países, além de levantamentos qualitativos com cerca de 2.600 jovens brasileiros.

Do ponto de vista qualitativo, segundo Mariana Resegue, coordenadora do Atlas das Juventudes, se os dados revelam enorme frustração "com um país que não cresce", eles mostram também que os jovens estão despertando para a realidade atual.

Segundo ela, há mais consciência política e um sentimento de forte exclusão e de preconceitos dirigidos aos jovens periféricos, pobres e negros. Mas há também grande dificuldade de eles encontrarem meios para canalizar frustrações e se engajar politicamente.

É significativo, por exemplo, o fato de muitos jovens eleitores não distinguirem corretamente as esferas de poder e responsabilidades dos diferentes níveis de governo.

Segundo o Gallup World Poll, a aprovação dos jovens brasileiros a respeito de como o país é governado despencou

de 60,6% até meados da década passada para 12,1% mais recentemente. Na média mundial, a taxa se mantém perto de 57% há quase dez anos.

Para Marcelo Neri, diretor da FGV Social, as pesquisas mostram que os jovens brasileiros ainda vivem um "paradoxo" —e que, no futuro, a frustração pode ser maior.

"Se, por um lado, os jovens despertaram para a grave situação que atravessa sua geração, por outro, individualmente eles seguem até bastante otimistas, com notas de avaliação acima da média mundial. Isso é bom e é, em particular, uma característica do jovem brasileiro. Mas preocupa muito, pois a frustração futura pode ser também muito alta."

Segundo essas pesquisas e outros estudos de especialistas em trabalho e educação, a

pandemia só agravou um cenário anterior de perdas seguidas, aprofundando as cicatrizes para atual "geração Covid" —como vêm sendo chamados os jovens afetados no período.

Há consenso de que o principal efeito negativo da pandemia se deu na educação, apartando os jovens do ensino (sobretudo no setor público) por quase um ano e meio.



Se, por um lado, os jovens despertaram para a grave situação que atravessa sua geração, por outro, individualmente eles seguem até bastante otimistas, com notas de avaliação acima da média mundial. Isso é bom e é, em particular, uma característica do jovem brasileiro. Mas preocupa muito, pois a frustração futura pode ser também muito alta

Marcelo Neri
diretor da FGV Social

Trabalhos internacionais consagrados estimam que cada ano a menos de estudo de um jovem pode representar perda de 10% a 15% em sua renda futura.

Segundo cálculos dos pesquisadores Ricardo Paes de Barros e Laura Muller Machado, do Insper, as perdas futuras para o conjunto dos brasileiros nos ensinos fundamental e médio atingirão R\$ 700 bilhões e poderão chegar a R\$ 1,5 trilhão caso as aulas não voltem em 2021, mesmo que parcialmente.

O cálculo leva em conta que, na média, os jovens brasileiros de todas as classes sociais que finalizaram o ensino médio acumulam rendimentos de aproximadamente R\$ 430 mil ao longo da vida ativa.

Laura Machado diz que, além do aumento da desigualdade devido às oportunidades diferentes de aprendizado entre ricos e pobres na pandemia, os 3,5 milhões de jovens que saíram do ensino médio todo ano estarão, desta vez, menos preparados para o mercado.

“Deveria existir algum tipo de acordo com as empresas para que essas pessoas possam reforçar a educação já trabalhando. Quanto aos mais jovens, que ainda têm anos de estudo à frente, é preciso recuperar o tempo perdido, com muito reforço escolar.”

Apesar do avanço das últimas décadas, o engajamento dos brasileiros na educação é baixo: mais da metade (51,2%) das pessoas com 25 anos ou mais não concluiu uma das etapas que compreendem o ensino infantil, fundamental e médio, segundo o IBGE.

O ministro Paulo Guedes (Economia) disse em maio que o governo estaria preparando um plano para reforçar a especialização de jovens recém-ingressados no mercado.

Para José Marcio Camargo, economista e professor da PUC-Rio, seria fundamental o Brasil adotar programas de especialização, sobretudo diante das mudanças tecnológicas no mercado de trabalho.

Segundo ele, a pandemia aprofundou a tendência de os mais escolarizados e conectados ganharem cada vez mais, proporcionalmente, elevando a desigualdade. “Vamos conviver com isso por muito tempo.”

No caso brasileiro, há o agravante de ser muito baixa a formação de alunos em escolas de ensino médio técnico: 8% do total, ante 40% na média dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, segundo o relatório Education at a Glance 2019, da própria OCDE.

Para o economista Naercio Menezes, pesquisador do Centro de Gestão e Políticas Públicas do Insper, sem políticas estatais para o mercado de trabalho, os jovens menos qualificados estão fadados a encarar um futuro pior e cheio de frustrações.

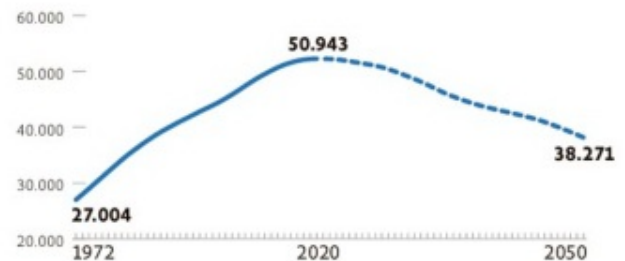
“Por um lado, não haverá mais tanto trabalho no setor de serviços, já mal remunerado e menos qualificado, pois as pessoas consumirão cada vez mais em casa e circularão menos na rua. Por outro, muitos jovens não têm a educação ou meios tecnológicos para aproveitar essa nova tendência.”

Nesse cenário, de baixa perspectiva combinada a crescimento medíocre, Menezes diz entender “perfeitamente” o forte desejo dos jovens, agora no auge de seu potencial, de deixar o Brasil.

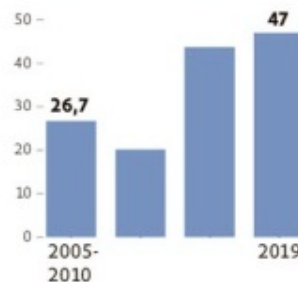
Com metodologia e faixas etárias diferentes, o Datafolha apontou, há três anos, que 62% dos jovens de 16 a 24 anos gostariam de deixar o país — ante 43% dos adultos.

Juventude brasileira atinge ápice em número e em pessimismo

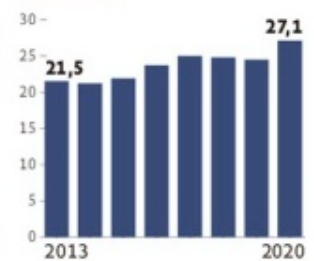
País nunca teve tantos (e desanimados) jovens
Em milhões*



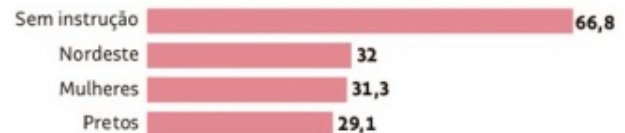
Recorde de jovens quer deixar o Brasil
Entre 15 e 29 anos, em % do total



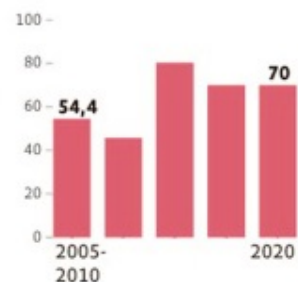
Total inédito nem trabalha ou estuda
Entre 15 e 29 anos, 'nem-nem' em % do total**



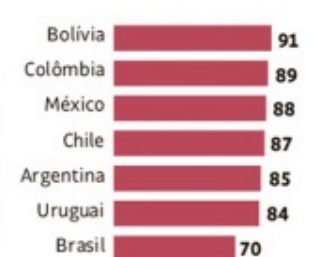
Grupos com mais "nem-nem"
No 4º tri. de 2020, em %



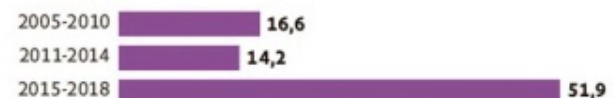
Maioria tem dificuldade em achar trabalho
Entre 15 e 29 anos, em % do total



Acreditam progredir trabalhando
Entre 15 e 29 anos, em %, em 2017-2018



Maioria agora vê Brasil como um país pobre
Entre 15 e 29 anos, em % do total



* Estimativa e projeções da ONU

** Média móvel de quatro trimestres

Fontes: FGV Social/CPS a partir de microdados de PnadC, Pnad-Covid19, IBGE, Atlas das Juventudes, Gallup World Poll e ONU

Larissa, 23, quer morar no Canadá para ter casa e carro antes dos 35

Paula Soprana

SÃO PAULO Larissa Regina Ramos Miguel, 23, caminha meia hora todos os dias de sua casa, em Suzano (SP), até o trabalho. Não faz o trajeto a pé porque a passagem de trem até Poá é cara, mas porque cada trocado faz diferença na poupança que acumula para ir embora do Brasil.

Pretende mudar-se para Vancouver, no Canadá, ou para a Croácia, no fim deste ano ou em 2022. Guarda para a viagem a metade de um salário mínimo que tira em um call center.

Assim como metade dos jovens brasileiros, ela pensa em deixar o país. Seu objetivo, entretanto, não é como o de muitos integrantes da classe média alta que vão para o exterior fazer intercâmbio, cursar um MBA ou garantir um diploma internacional de mestrado.

Ela também não pertenc

ce ao grupo com alta qualificação, como executivos e cientistas, que deixam o país diante da crise política e do desemprego — o número de pedidos de visto de trabalho por profissionais considerados prioritários nos Estados Unidos chegou ao maior patamar em ao menos dez anos, mostrou reportagem da Folha.

Larissa, que tem oito irmãs e está há mais de um ano procurando um emprego na área de logística, vê no exterior a única possibilidade de juntar dinheiro para levar uma vida que considera estável: conquistar uma casa própria, um carro e dinheiro para viajar nas férias e comer em restaurantes vez ou outra.

Para ela, ir embora do Brasil é sinônimo de pôr o pé no chão e encarar a realidade, não de sonho. Larissa, que é a mais nova entre as irmãs

mulheres, estudou em colégio público e formou-se em logística em uma Etec (Escola Técnica Estadual de São Paulo) no fim do ano passado.

A próxima etapa seria prestar um curso tecnólogo de turismo, mas optou por não fazê-lo. Em seus cálculos, o gasto com ensino superior representa um novo risco de investir em educação sem a garantia posterior de um emprego na área.

Com o crescimento das vendas online durante a pandemia, os centros de distribuição da região metropolitana de São Paulo estão mais agitados do que nunca. Mesmo assim, a jovem não conseguiu um trabalho. Ela afirma ter entregue até 90 currículos em um único dia durante suas férias.

“Logística é a área que quero seguir, só que, infelizmente, no Brasil, está muito difícil. Eles só contratam homens porque é uma área considerada mais pesada”, afirma.

A jovem também paga duas plataformas de emprego para que seu currículo tenha mais visibilidade entre os concorrentes.

“Se começar a faculdade, de-

pois vem a especialização, nesse trajeto não consigo guardar a metade do salário [para comprar a casa], além de não ter como pagar as contas de água, luz e ajudar meus pais ao mesmo tempo.”

O objetivo de Larissa é ter a casa e o carro antes dos 35 anos, se possível.

Ela mora com a mãe, o pai, uma irmã e uma sobrinha. É responsável por dividir com a mãe, auxiliar de limpeza, contas de água, comida e gás. Sua irmã paga a internet. O pai é pintor e não tem renda fixa no momento.

Com os descontos, o salário de Larissa fica em torno de R\$ 980. Mesmo com as contas, ela tem conseguido guardar a metade — isso porque não moram de aluguel.

“Sempre vi que as pessoas conseguem separar parte do salário lá fora, e não é só em série, em filme. Aqui, sempre falta algo: quando se paga a água, o gás aumenta. Eu não aguento mais a realidade de sempre faltar uma coisa.”

Larissa vai seguir o caminho do irmão caçula, que mora no Canadá e é bailarino. Ele ganhou uma bolsa de estudos e ainda trabalha em dois restaurantes a fim de arcar

com as despesas. Com a ajuda dele, Larissa pesquisa escolas que garantam a possibilidade de trabalhar no tempo livre. No exterior, pretende ser babá. Está tirando a carta de motorista porque considera um diferencial para a família que for lhe contratar.

“Se eu precisar ir ao hospital ou buscar algo no mercado, já tenho a vantagem de dirigir. Estou me preparando”, diz.

Além de trabalhar quase sete horas no call center, Larissa estuda inglês uma hora por dia.

Sua base no idioma vem do tempo em que trabalhou na escola Wizard, de 2014 a 2017. Lá foi estagiária, recepcionista e vendedora, com o benefício de aprender a língua pagando apenas o material didático.

Larissa diz fingir viver em uma realidade em que o inglês é seu idioma principal. Só ouve podcasts estrangeiros e assiste a série e filmes com a legenda no idioma.

Após receber a vacina contra a Covid, concentrará esforços para agilizar a viagem e não titubeia sobre a decisão de sair no Brasil.

“Aqui não dá para encontrar emprego. Eu sei porque fui atrás e está muito difícil.”

Assim como o irmão, que chora pela solidão e pela saudade da família, ela diz que vai sentir saudade, mas que não pretende voltar. “Para crescer, eu preciso sair daqui.”



Adriano Vizoni/Folhapress

“

Sempre vi que as pessoas conseguem separar parte do salário lá fora, e não é só em série, em filme. Aqui, sempre falta algo: quando se paga a água, o gás aumenta. Eu não aguento mais a realidade de sempre faltar uma coisa

Larissa Regina Miguel, 23 de Suzano (SP)

Josué, 25, está sem trabalho formal desde 2016

Franco Adailton

SALVADOR A última vez que Josué de Souza, 25, trabalhou com carteira assinada foi em 2016. Na casa do jovem, moram quatro pessoas, entre as quais três não trabalham. A única renda da família é o auxílio emergencial no valor de R\$ 150.

Pesquisa divulgada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no dia 27 de maio, aponta que a taxa de desocupação na Bahia foi de 21,3% no primeiro trimestre de 2021 — ante 14,7% na média do país. Além de ter quebrado o recorde de 2020, ficou no maior patamar desde 2012, início da série histórica.

Negro, morador de Canabrava, periferia de Salvador, vive num imóvel com um quarto, sala, cozinha e banheiro. Divide o espaço com mãe, padrasto e irmão caçula, que dorme num colchão na sala, assim como ele, que começou a trabalhar aos sete anos.

Com apenas ensino médio completo, o rapaz atribui as dificuldades para encontrar trabalho formal à alta concorrência, agravada pela pandemia, mas diz não estar desalentado.

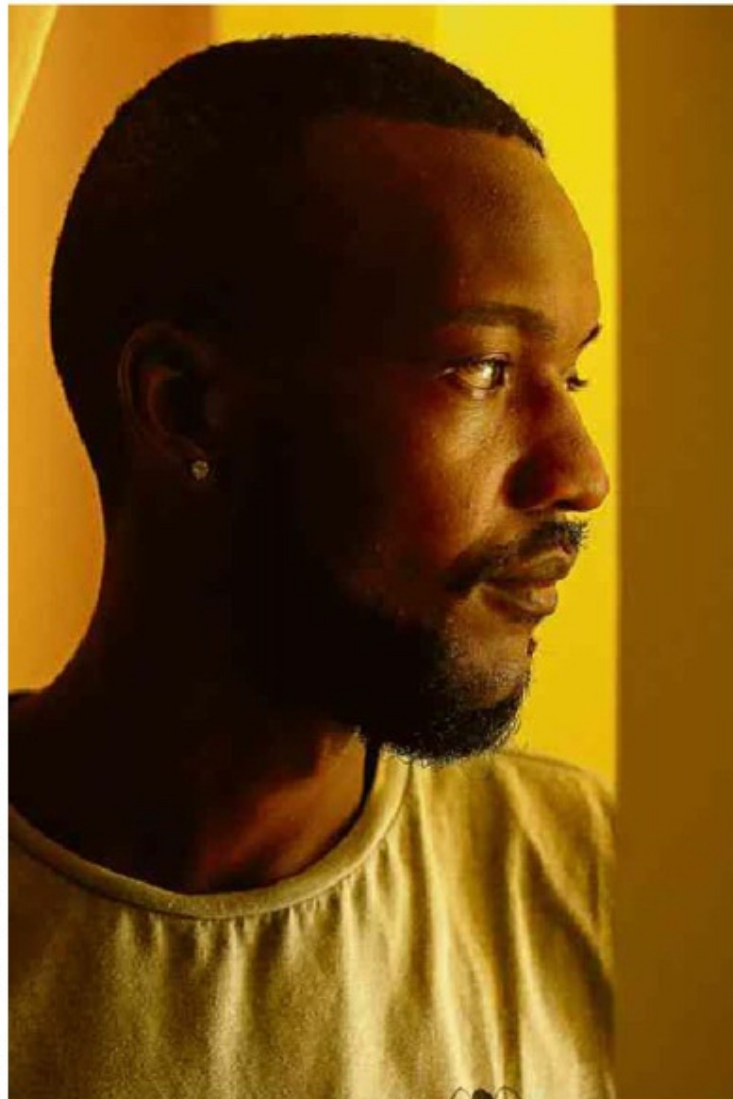
“Quando aparece alguma entrevista, há cem pessoas para uma vaga.”

Para o jovem, o atual cenário econômico, com mais de 14 milhões de desempregados no país, tem levado a população à miséria.

“A gente substituiu a carne pelo ovo. Não tem condições. O gás sobe todo dia. A conta de luz também. Tá difícil”, afirma.

Sair do país para melhorar de vida é uma realidade tão distante que nunca passou pela cabeça do jovem.

“Queria voltar para Santa Catarina, onde tive o último trabalho formal, com salário bem melhor”, diz.



Raphael Muller/Folhapress



Quando aparece alguma entrevista, há cem pessoas para uma vaga

Josué de Souza, 25 de Salvador